

O Egito antigo na Literatura Contemporânea: Representações Literárias do Período de Amarna

Liliane Cristina Coelho¹

Resumo

Uma das formas mais frequentes de representação do Egito antigo na atualidade é por meio da literatura. Nesta área temos, por um lado, os romances históricos, escritos de maneira geral por autores especializados em Egíptologia, que fazem uso de documentos egípcios de diferentes períodos históricos para a produção de suas obras e, por outro, temos aqueles que ambientam seus romances no Egito antigo, e especialmente na cidade de Akhetaton, a atual el-Amarna, devido à popularidade do período de sua habitação e de seu idealizador, o faraó Akhenaton (c. 1353-1335 a.C.). Neste caso são temas recorrentes o romance entre Akhenaton e Nefertiti e seu cotidiano junto à família, a relação de Akhenaton com sua mãe, a rainha Tiy, a imposição de um novo modelo religioso no Egito a partir da instalação da cidade e da primazia do culto ao Aton, e o papel de Nefertiti e Tiy como participantes ativas no governo de Akhenaton, entre outros que aparecem com menor frequência. Tendo como base algumas obras inseridas neste contexto, meu intuito neste artigo é discutir a apropriação do Período de Amarna e de suas personagens principais pelos literatos contemporâneos e analisar de que forma acontece tal apropriação, partindo de referenciais históricos sobre o período, levantados durante a elaboração de minha tese de doutorado.

Palavras-chave: Akhetaton; Literatura; Egíptomania.

Ancient Egypt in Contemporary Literature: Literary Representations of the Amarna Period

Abstract

One of the most frequent forms of representation of ancient Egypt today is through literature. In this area, we have, on the one hand, historical novels, written in general by authors specialized in Egyptology, who make use of Egyptian documents from different historical periods for the production of their works and, on the other, we have those that set their novels in the Ancient Egypt, and especially in the city of Akhetaten, the present-day el-Amarna, due to the popularity of the period of its habitation and its creator, the pharaoh Akhenaten (c. 1353-1335 BC). In this case recurring themes are the romance between Akhenaten and Nefertiti and his daily life with their family, Akhenaten's relationship with his mother, Queen Tiy, the imposition of a new religious model in Egypt from the installation of the city and the primacy of Aten's worship, and the role of Nefertiti and Tiy as active participants in the Akhenaten government, among others who appear less frequently. Based on some works inserted in this context, my aim in this article is to discuss the appropriation of the Amarna Period and its main characters by contemporary literatures and to analyze how this appropriation happens, starting from historical references about the period, raised during the elaboration of my doctoral thesis.

Keywords: Akhetaten; Literature; Egyptomania.

¹ Doutora em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE e da Faculdade Santa Madalena Sofia. Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Introdução

O Período de Amarna, que compreende, dentre outros, o reinado de Amenhotep IV/Akhenaton (c. 1353-1335 a.C.)², é a etapa da história egípcia antiga mais apropriada na contemporaneidade, seja por meio de obras de ficção ou por sua associação a religiões e correntes filosóficas que veem neste período seu surgimento. Tal posição está intimamente associada à criação de uma nova religião por Akhenaton, que elevou o Aton, um deus solar pouco conhecido até então e que tem sua origem no Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.), a divindade principal do panteão egípcio, destituindo deste posto Amon, que esteve associado à realeza desde o reinado de Amenemhat I (c. 1991-1962 a.C.), primeiro governante da XII Dinastia (c. 1991-1783 a.C.).

A escolha de um deus sem relevância significativa e que não possuía sacerdotes poderosos a seu serviço soa de certa forma estranha, mas se justifica dentro das intenções de governo de Akhenaton, que iniciou seu reinado ainda na cidade de Tebas mas transferiu seu centro de poder para a região do Médio Egito, onde ordenou a construção da cidade de Akhetaton, que se tornou o centro de culto ao novo deus. A tentativa de datar o surgimento do culto ao deus Aton no longo da XVIII Dinastia (c. 1550-1307 a.C.) e especialmente durante o reinado de Amenhotep III (c. 1391-1353 a.C.) fez com que alguns artefatos que sugeriam uma época diferente fossem considerados falsos, como foi o caso de um escaravelho datado do reinado de Tothmés IV (c. 1401-1391 a.C.) e no qual o Aton era apresentado com características que estavam diretamente relacionadas ao deus Amon, como por exemplo a acompanhamento ao faraó na guerra.

O escaravelho a que aqui me refiro pertencia ao reverendo George Denis Nash e atualmente faz parte do acervo do Museu Britânico (EA65800), onde consta como uma falsificação. Na década de 1930, após a tradução do texto hieroglífico publicada no *The Journal of Egyptian Archaeology* por Alan W. Shorter (1931, p. 23-25), surgiu a dúvida sobre a autenticidade do objeto. Uma equipe liderada por F. A. Bannister e H. J. Plenderleith (1936, p. 3-6), então, fez diversos testes químicos na peça, comprovando que o material era autêntico, assim como a inscrição não havia sido alterada, conforme

² Sigo aqui a cronologia proposta por John Baines e Jaromir Málek disponível na obra: BAINES, J. & MÁLEK, J. **O mundo egípcio: deuses, templos e faraós**. Madrid: Ediciones del Prado, 1996. v.1. p.36-37.

propagavam alguns críticos. A autenticidade foi comprovada por meio da comparação com o material com o qual foi confeccionado outro escaravelho do mesmo período, mas não há um método para datar a idade do material, então a dúvida sobre sua autenticidade continua, conforme é possível observar na página do Museu Britânico na internet, onde o objeto consta como uma falsificação.

Conforme aponta Ciro Cardoso (2004a), em artigo dedicado a discutir a presença de Amarna entre nossos contemporâneos, a falta de fontes é um território vivo para a imaginação. É justamente neste território que se encaixa a literatura baseada no Período de Amarna. Este artigo, então, discute a apropriação deste período histórico e de suas personagens principais pelos literatos contemporâneos e analisa de que forma acontece tal apropriação, partindo de referenciais históricos sobre o período, levantados durante a elaboração de minha tese de doutorado.

Antes de passar propriamente a este tema, no entanto, é necessário entender de que forma se manifesta, em nossa sociedade, o interesse pelo Egito antigo e, em especial, o que é a Egiptomania, uma área de estudos que mistura ciência e imaginação e que está diretamente relacionada à produção dos romances amarnianos.

O interesse pelo antigo Egito

O interesse pelo antigo Egito se manifesta a partir de quatro diferentes formas: pela “Egiptofilia”, ou o gosto pelo exotismo e pela posse de objetos relativos ao antigo Egito; pela “Egiptomania”, que pode ser definida como uma releitura de símbolos e nomes do antigo Egito pela sociedade contemporânea, conferindo-lhes novos usos e significados; pela “Egiptosofia”, ou o estudo de um Egito imaginário, visto como a fonte de toda doutrina esotérica (HORNUNG, 2001, p. 3); e pela “Egiptologia”, que é a ciência que estuda tudo o que está relacionado à antiguidade egípcia.

Tal interesse não é somente um privilégio do mundo moderno. Harris (1993, p. 15) divide o fluxo da herança egípcia em três partes: o legado dessa civilização aos três milênios da antiguidade; ao longo e crucial período do final da antiguidade tardia ao século XVIII; e aos anos da redescoberta do Egito até o presente. Para ele, “a verdadeira herança

do Egito é, na verdade, o fato de ter-se entrelaçado, ao longo dos séculos, de forma quase imperceptível, na interminável teia da experiência humana” (HARRIS, 1993, p. 15).

Dessa maneira, o fascínio pelo antigo Egito se manifesta, desde a antiguidade, sob as mais diferentes formas. Mesmo os primeiros imigrantes gregos, que chegaram à Terra dos Faraós no século VI a.C. demonstravam grande admiração pela civilização que encontraram. Vários viajantes, como Heródoto e, séculos mais tarde, Diodoro da Sicília, deixaram suas impressões sobre os egípcios, sua cultura, religião e modo de vida, sob uma ótica própria. Alguns estudiosos, como David Silverman (1997, p. 55-57), descrevem as influências egípcias existentes em outras culturas como as dos hebreus e fenícios, e mesmo a extensão dessas influências sobre trechos do Velho Testamento.

É com os romanos, contudo, que tem início o que podemos chamar de Egiptomania. Entre esse povo o fascínio pelo Egito surge primeiramente na forma dos cultos de Ísis e Serápis, que foram incorporados em finais da República Romana, no século I a.C., e, posteriormente, pela anexação de elementos egípcios à sua arte. Caius Cestius, pretor durante o principado de Augusto (27 a.C.-14 d.C.), mandou erigir o seu túmulo em forma de pirâmide, entre os anos de 15 e 12 a.C. Tal pirâmide, localizada em Roma, possui 36,58m e foi construída em tijolo e cimento, sendo recoberta com mármore. É semelhante, quanto ao ângulo de inclinação, às pirâmides tardias e núbias (da cultura de Meroe), sendo, porém, mais alta que estas. O próprio imperador Augusto teve um particular interesse sobre o Egito, sendo o primeiro a ordenar a retirada de um obelisco das terras do Nilo, no ano 10 a.C.. Mesmo durante os anos da Idade Média essa fascinação continuou, pois nessa época pirâmides, esfinges e leões egípcios eram copiados da antiga arte romana.

Foi, contudo, a expedição de Napoleão Bonaparte à Terra dos Faraós que fez com que o fascínio pelo Egito se tornasse uma verdadeira “febre” no Ocidente. Em finais do século XVIII e início do XIX, as antiguidades egípcias foram retiradas aos milhares do Egito por viajantes, embaixadores, turistas e pesquisadores. Foi dito que “ninguém acreditaria que alguém teria estado no Egito ao menos que eles retornassem com uma múmia debaixo de um braço e um crocodilo debaixo do outro” (IKRAM, 2005, p. 15). Nas mansões inglesas da era vitoriana, múmias eram desenfaixadas em grandes reuniões, onde também se discutia sobre os hieróglifos e sobre os mistérios das pirâmides. Muitos contos e

romances surgiram neste período, baseados nestas cerimônias de desenfaixamento e nas conversas que se desenvolviam após o seu término.

Ainda nos finais do século XIX, segundo Jorge Coli (2004, p. 67), existe um “alargamento” da visão de arte, que ocorre com a redescoberta da arte oriental, da arte egípcia e da arte africana. É também nesse século que ocorre um grande desenvolvimento da Egiptomania, que progride paralelamente às descobertas arqueológicas, nas artes decorativas. Nessa área, destacou-se em Paris a fábrica de papéis para paredes *Réveillon*, que mantinha em sua linha um papel com decoração egípcia, que acabou por fazer grande sucesso devido à popularidade desse estilo na época.

Em parte, essa popularização resultou da releitura de duas importantes obras: *Voyages dans la Basse et la Haute Égypte*, do pintor Dominic Vivant, Barão Denon, integrante da expedição napoleônica, e *Description de l'Égypte*, a obra publicada pela gráfica imperial da França, por ordem do próprio Napoleão. Muitos artistas basearam-se nelas para a concepção de suas obras, como o arquiteto italiano Piranesi, por exemplo, para o qual o estilo egípcio combinava com o maciço, o monumental e o funerário.

A Egiptomania, contudo, não é uma simples mania pelo Egito. Segundo Jean-Marcel Humbert (1996, p. 24), ela é uma arte rica de uma originalidade própria e de um passado muitas vezes antigo e prestigioso. Ela se desenvolve a partir de várias fontes de inspiração, como os relatos de viajantes, manifestações anteriores da Egiptomania, peças arqueológicas e peças de arte específicas. Sua longevidade e permanência desde o século XVI até os nossos dias podem ser explicadas, segundo o mesmo autor, pelo grande arsenal de símbolos e de conotações em que se apóia, e que lhe dão uma área de atuação particularmente extensa.

Os resultados dessa reutilização, no entanto são os mais diversos. Humbert (1996, p. 25-28) nos fala sobre derivações involuntárias, que estariam relacionadas ao resultado final da arte que sofre influência do antigo Egito. As derivações involuntárias sugeridas pelo autor são as seguintes: aquela imposta pela escolha das fontes de inspiração; a que acontece em função da adaptação da arte antiga a novas funções e a novos ambientes; aquela ligada à exploração política da campanha de Napoleão; a que inspira criações didáticas, ou seja, que tem a função de levar a arte e a arquitetura egípcia àqueles que não terão acesso aos originais; e aquela em que elementos simplesmente justapostos criam um meio totalmente

fantasioso. Dentre elas, a mais comum, segundo ele, é aquela que está relacionada à adaptação da arte egípcia a novas funções e a novos ambientes. Sobre esse assunto, Margaret Bakos (2004, p. 87) nos esclarece que a arte em Egiptomania possui duas características básicas: a utilização de símbolos do antigo Egito com novos objetivos, e a antiguidade do tratamento dado a esses elementos, que devem apresentar referenciais e identificadores da época antiga. Um exemplo citado pela autora é o da esfinge, que para ser considerada egípcia deve portar o *nemes*, ou seja, o toucado típico dos faraós.

A Egiptomania também está presente na literatura, por meio da apropriação do Egito antigo como espaço onde ocorrem as ações, ou como lugar de uma vida anterior lembrada por uma personagem. Desta forma, passarei agora a uma descrição de alguns romances selecionados que têm como cenário a cidade de Akhetaton e como personagens principais Akhenaton, Nefertiti e suas filhas, bem como relacionarei as características de cada obra à história do período e à Egiptomania.

Os romances sobre Amarna

A produção de romances ambientados no Período de Amarna principia no início do século XX, época em que as primeiras escavações foram levadas a cabo na cidade construída por Akhenaton no Médio Egito, Akhetaton, e no qual as primeiras publicações de cunho científico sobre a época deste faraó foram trazidas a público. Tais romances podem ser divididos em duas categorias: aqueles que se passam na antiguidade, e são ambientados em Amarna; e aqueles que se passam no período em que estão sendo escritos, mas nos quais Akhenaton e outras personagens do Período de Amarna aparecem como “espíritos” que aconselham as pessoas por meio, por exemplo, da citação de trechos do Grande Hino ao Aton (CARDOSO, 2004b, p. 179-180).

Apenas para citar exemplos destas primeiras obras, vou recorrer àquelas analisadas pelo professor Ciro Cardoso para a palestra *O Faraó Akhenaton e nossos Contemporâneos*. Uma delas é de autoria da escritora britânica Norma Lorimer: *A Wife out of Egypt* (Uma esposa oriunda do Egito), publicada em 1913, e a outra, *There was a King in Egypt* (Houve um rei no Egito), publicada em 1918. Nestas, segundo Cardoso (2004a, p. 1):

a ação tinha lugar no Egito do início do século passado, mas o espectro do faraó Akhenaton aparecia com grande proeminência, influenciando positivamente na vida dos protagonistas e até mesmo encarregando um deles de uma missão espiritual num mundo que atravessava, naquela ocasião, as agruras da Primeira Guerra Mundial.

A primeira obra conta a história de uma jovem egípcia descendente de sírios e armênios e educada na Inglaterra, chamada Stella, que se refere ao faraó Akhenaton como o responsável por inserir no pensamento egípcio, mais de mil anos antes do nascimento de Cristo, crenças religiosas e morais “que as pessoas de mente ampla e intelectualizadas estão aceitando hoje em dia no mundo” (CARDOSO, 2004, p. 1). Não é minha intenção, neste artigo, discutir os conceitos de “monoteísmo” e “politeísmo” tais como os entendemos atualmente, mas o embate entre estas duas visões religiosas é bastante comum nestas primeiras obras, tal como fica evidente com a análise da obra de Lorimer.

O segundo livro, *There was a King in Egypt* (Houve um rei no Egito), é ambientada na Primeira Grande Guerra e conta a história de Margaret Lampton, que chega ao Egito para tomar parte das escavações da tumba da rainha Tiy, mãe de Akhenaton. No local encontra-se também Michael Amory, um artista sensível e espiritual que está copiando as cenas presentes nas paredes do túmulo. Akhenaton aparece em sonho para Margaret com o intuito de ver se seus ensinamentos de paz e amor ainda sobrevivem. No livro, Michael e Fred, irmão de Margaret, têm longas discussões a respeito do governo de Akhenaton, com foco especialmente no pacifismo, o que é de se esperar em um ambiente de guerra.

Uma das razões para isso, a meu ver, é que muitos dos romances destes primeiros anos do século XX tinham como referência a publicação de Arthur E. P. Weigall, *The Life and Times of Akhnaton, Pharaoh of Egypt*, publicada pela primeira vez em 1910 e depois, em nova edição, em 1936. Baseado em dados das primeiras escavações levadas a cabo em Akhetaton, Weigall descreve Akhenaton como um pacifista e um idealista religioso, precursor do monoteísmo, e sublinha a grande importância das mulheres da família real: Tiy (a mãe de Akhenaton), a esposa real, Nefertiti, e as filhas do casal, fornecendo o material necessário para literatos entusiastas do Egito antigo.

Obras que mostram um Akhenaton pacifista *versus* uma Nefertiti com grandes poderes decisivos são bastante abundantes dentre as que analisei para este trabalho. Cito aqui primeiramente a trilogia *Amarna Novels*, lançada em inglês entre 2002 e 2013 e sem

tradução para a língua portuguesa. Os livros, escritos por Glenys Poorta e intitulados *The Dream Maker* (O Criador de Sonhos), *The Rising of the Benu-Bird* (A Ascensão do Pássaro-Benu) e *Return of the Gods* (Retorno dos Deuses), apresentam uma continuidade narrativa, que segue os acontecimentos do período histórico dos governos de Akhenaton e Tutankhamon (c. 1333-1323 a.C.). São narrados em primeira pessoa por Nefertiti, que aparece como uma mulher bastante atuante durante o governo de seu marido.

O primeiro livro, *The Dream Maker*, apresenta o início do reinado de Akhenaton e a transferência da família real para a cidade de Akhetaton. Descreve as esperanças e sonhos que Nefertiti e Akhenaton compartilharam para o futuro das Duas Terras, narrando a ideia de construção de uma nova cidade e da criação de uma nova religião. A história está, então, centrada no espaço de tempo que inclui o governo de Akhenaton em Tebas, cidade que é vividamente descrita na obra, e a mudança da família real – que neste momento é composta pelo faraó, a rainha e suas duas filhas mais velhas, Meritaton e Meketaton – para a nova cidade construída em honra ao novo deus, o Aton.

O segundo volume da trilogia, *The Rising of the Benu-Bird*, narra acontecimentos que têm lugar na cidade de Akhetaton, ao longo do período em que Akhenaton governou a partir desta localidade. Os espaços da cidade são bastante explorados pela autora, que faz com que a família percorra todos os lugares frequentados na antiguidade por Akhenaton, como o Palácio da Ribeira Norte, a Casa do Rei e o Palácio da Cidade Central, bem como os templos dedicados ao Aton e a chamada Estrada Real.

A espinha dorsal da história está em um acidente sofrido por Akhenaton durante uma cavalgada e que teria levado primeiramente a uma doença prolongada e depois à sua morte. Neste momento ficam claros, na narrativa, a devoção e o envolvimento de Nefertiti nos planos de Akhenaton de derrubar os antigos deuses a fim de estabelecer a adoração do deus-sol Aton como a única divindade, já que é ela quem assume, em meio à turbulência que o acidente representa, o controle das Duas Terras, pois Tutankhamon ainda não está totalmente preparado para assumir as responsabilidades do trono.

No terceiro volume, *Return of the Gods*, são narrados os episódios relacionados ao retorno para Tebas e para o culto a diversos deuses. A história conta os eventos que envolveram o estabelecimento da adoração ao deus Aton e o subsequente retorno à antiga religião durante o reinado de Tutankhamon. Diferente dos volumes anteriores, que eram

narrados por Nefertiti, neste caso a história é pelo chanceler de Tutankhamon, um homem chamado Maya, já que neste momento histórico Nefertiti já não aparece mais nas fontes egípcias. A narrativa segue o jovem rei desde sua ascensão até sua morte e sepultamento e, em seguida, examina os papéis desempenhados por Ay e Horemheb no retorno do Egito à adoração dos deuses antigos quando eles tornaram-se governantes das Duas Terras.

No caso desta trilogia, não consegui obter informações sobre a formação acadêmica da autora, mas ela demonstra um conhecimento significativo das estruturas urbanas de Akhetaton e dos usos que são colocados pelos pesquisadores do período. Ela é autora de outras obras que têm como cenário o Egito antigo, baseadas em outros períodos e outras personagens, como Ramsés II e Nefertari, sua Grande Esposa Real. Seja qual for a razão que a levou a basear-se na história do Egito antigo para conceber suas obras, percebe-se que o interesse pela mesma está presente. Neste caso, não apenas a trilogia *Amarna Novels*, como também o restante da produção de Glenys Poorta, pode ser inserida na categoria “Egiptomania”, pois seus romances utilizam o Egito antigo como “pano de fundo” para a narrativa.

A mesma visão de um Akhenaton fraco *versus* uma Nefertiti forte e poderosa aparece em uma obra lançada no Brasil no ano de 2011, *Akhenaton e Nefertiti, uma História Amarniana*, de autoria de Carmen Seganfredo e A. S. Franchini. Este romance, ambientado em Amarna no período de governo de Akhenaton, está baseado, segundo os próprios autores, na “única premissa disponível e irrefutável, que é a reforma religiosa que ambos [Akhenaton e Nefertiti] tentaram promover”. Cercado de intrigas, o romance conta a história de um rei fraco cercado por mulheres poderosas, como sua mãe Tiy e sua esposa – mostrada como uma mulher extremamente ciumenta – Nefertiti, que decidem os destinos do reinado sem levar em conta as vontades do faraó.

A obra está dividida em duas partes, *O nascer do sol* e *O pôr do sol*, que tratam respectivamente do reinado do faraó em Tebas e em Akhetaton. A narrativa é bem construída e mostra que os autores buscaram conhecer as fontes e a bibliografia relacionadas ao Período de Amarna com o intuito de tornar mais verídica a história contada. Além disso, em nota presente na parte pré-textual do livro, eles afirmam ser esta uma obra de ficção, mas que está baseada no pouco que se sabe da relação entre Akhenaton e Nefertiti por meio dos estudiosos da Egiptologia. Desta forma, destaca-se, assim como a

trilogia anteriormente analisada, como uma obra de Egiptomania, já que os autores se utilizam do conhecimento existente e dos lapsos documentais sobre o Período de Amarna para construir a sua narrativa de ficção histórica.

Outra obra ambientada no Período de Amarna e que nos mostra Nefertiti como uma mulher forte e poderosa é *Nefertiti*, de Michelle Moran. A autora, que deixou sua carreira como professora de literatura inglesa para se dedicar à escrita e tem vários romances históricos sobre personagens femininas famosas, como a própria Nefertiti, Nefertari e Cleópatra, conta no início do livro, em uma nota, que sua inspiração veio de um artefato arqueológico muito famoso deste período: o busto da rainha Nefertiti, que ela visitou no Altes Museum em Berlim. A peça, que se encontra atualmente no Neues Museum, é considerada uma das maiores obras de arte do Egito antigo e foi esculpida nas oficinas do escultor Totmés, que ficavam na cidade de Akhetaton.

A autora nos apresenta Nefertiti e sua irmã mais nova, Mutnodjemet, como pertencentes a uma poderosa família que já havia fornecido muitas esposas aos governantes egípcios. Nefertiti foi destinada a se casar com o príncipe Amenhotep, um jovem instável, que depois viria a mudar seu nome para Akhenaton. Sua personalidade forte deveria conseguir equilibrar o temperamento de Amenhotep, que tinha a ideia fixa de abandonar o culto aos deuses tradicionais em favor do deus-sol, o Aton. Devido a isso, os sacerdotes de Amon estão conspirando contra o novo faraó, mas Nefertiti não percebe até que é alertada por sua irmã, Mutnodjemet.

Mutnodjemet tem uma personalidade bem diferente de sua irmã e prefere uma vida calma, se mantendo fora das intrigas da corte e mesmo dos deveres familiares. Sua lealdade a Nefertiti, no entanto, faz com que ela se arrisque em um perigoso jogo político. Assim, por meio de uma abordagem que envolve amor, traição, agitação política, doenças e conflito religioso, a autora nos mostra um Egito em um período turbulento, mas no qual Nefertiti e Mutnodjemet arriscarão tudo para manter sua união.

A escrita da obra, assim como nos casos anteriores, mostra que houve um processo de pesquisa histórica voltada à sua elaboração. Há, no entanto, a presença de elementos do senso comum, como a ideia de que os sacerdotes de Amon estariam conspirando contra o faraó e que este teria sido o motivo para a mudança de cidade e para a destruição do nome de Amon no período. De qualquer forma, sua inclusão na categoria “Egiptomania” se dá

devido à própria apropriação da história e dos cenários nos quais se desenvolve, que envolvem as cidades de Tebas e Akhetaton e suas estruturas urbanas.

Outro romance que tem como base os acontecimentos e objetos arqueológicos do Período de Amarna é a aventura voltada ao público juvenil *O Peixe de Amarna*. Este, escrito pelo jornalista e escritor paulista Cícero Sandroni, conta a história de Juca, um rapaz que consegue, durante as férias, um estágio em um museu onde há um arqueólogo que já participou de escavações no Egito e que lhe conta a história de Akhenaton e Nefertiti. Juca se encanta pela história, na qual o faraó é mostrado como um pacifista e poeta, que poderia ter mudado o mundo com suas ideias religiosas.

Baseado em uma narrativa bem estruturada, o romance, publicado em 2003, foi nomeado justamente a partir de um dos mais famosos objetos arqueológicos provenientes da cidade de el-Amarna, um frasco de cosméticos de vidro que tem a forma de um peixe multicolorido. É interessante perceber que a criatividade de um autor pode ser despertada pelo menor dos objetos, e que toda uma história pode ser concebida a partir da ideia de um museu e um rapaz que acaba se apaixonando por um período histórico a partir deste mesmo objeto.

A abordagem da história de Akhenaton e de sua família dentro de seu contexto histórico está, neste caso, relacionada à Egíptomania, pois as apropriações se fazem a partir de informações que vêm do senso comum, tal como na obra *Nefertiti*, de Michelle Moran. No caso de *O Peixe de Amarna* estão também relacionadas à ideia de um Akhenaton pacifista, tal como aparece nas obras que foram escritas no início do século XX, nas quais os “fantasmas” de Akhenaton transmitem conhecimentos relacionados ao monoteísmo à sociedade contemporânea.

Deixei para o final a obra mais recentemente publicada no Brasil, e talvez ainda desconhecida para muito: *Akhenaton*, uma peça de teatro escrita por Agatha Christie em 1937 e publicada pela primeira vez em 1973, mas que apenas em abril de 2020 ganhou sua versão para a nossa língua portuguesa. Quem conhece a biografia da autora sabe que ela se casou em 1930 com o arqueólogo Max Mallowan, que ela conheceu justamente em uma de suas viagens ao Oriente Médio, e que tais viagens geraram obras como *Morte no Nilo* e *Morte na Mesopotâmia*. A peça *Akhenaton* foi escrita no mesmo período, mas o que é interessante é a origem da ideia para a escrita da peça: histórias contadas pelo arqueólogo

Howard Carter, o descobridor da tumba de Tutankhamon, que Agatha conheceu em Luxor, no Egito, conforme aponta a biografia da autora presente no início de cada uma das suas obras.

Trata-se aqui de uma peça em três atos, cujas personagens incluem Akhenaton, Nefertiti, a rainha Tiy, Tutankhaton – mais tarde Tutankhamon – e Horemheb. No total são 10 cenas, que se desenrolam em meados do século XIV a.C., durante o reinado de Akhenaton, e ao longo das quais o faraó tenta convencer o povo a abandonar o culto aos vários deuses e se voltar exclusivamente ao deus-sol, o Aton. Os cenários são as cidades de Tebas, chamada No Amon na peça, e Akhetaton, que aparece como a Cidade do Horizonte. Akhenaton aparece como um idealista, apaixonado por sua esposa Nefertiti, que também demonstra grande devoção ao marido, e cujas ações levam à construção de uma nova cidade e de uma nova religião.

É interessante observar que, apesar de ser uma obra que pode ser classificada como Egiptomania, Agatha Christie teve uma excelente consultoria. Trechos do Hino ao Aton aparecem em forma de poemas declamados em adoração ao deus-sol em diferentes momentos, tanto em conversas entre Akhenaton e Nefertiti quanto em contextos como a recepção de mensageiros estrangeiros. E também a ideia de construção de uma nova cidade é expressa por meio de conversas que revelam dados que estão presentes nos textos das duas Proclamações gravadas nas Estelas de Fronteira.

Para finalizar, é preciso ressaltar que, conforme aponta Dominic Montserrat (2003, p. 139) apoiando-se em críticos literários como Georg Lukács, “a ascensão do romance está intimamente relacionada à ideologia do individualismo. O romance realista é o modo pelo qual um mundo ficcional é recriado de acordo com o ponto de vista individual, e isso sustenta a imaginação da sociedade burguesa que recria e consome estes romances”. A existência de uma grande quantidade de obras ficcionais que recria o Egito antigo, então, é amparada por esta concepção, pois a todo momento somos expostos a informações sobre a história das sociedades, sejam elas antigas ou não, e as recriamos dentro de uma nova perspectiva que se relaciona à nossa realidade.

Considerações finais

As apropriações de Akhenaton e do Período de Amarna na contemporaneidade passam pelas mais diversas manifestações, tendo grande destaque na literatura. Neste artigo analisei apenas algumas das muitas obras literárias relacionadas a este recorte histórico, ressaltando aquelas que foram ambientadas na cidade de Akhetaton e nas quais, de alguma maneira, as estruturas urbanas são descritas e tornam-se cenários para os acontecimentos narrados.

Na primeira modalidade de romances aqui debatida, aquela em que o faraó aparece como um conselheiro que passa uma missão espiritual a alguém, Akhenaton é mostrado como um filósofo, conforme aparece também nos *Black Studies*³ estadunidenses, que o veem como precursor do monoteísmo e das religiões monoteístas. Encaixam-se aqui também todas as obras que buscam relacionar Akhenaton a Moisés, que não foram discutidas ao longo do texto devido ao foco na cidade de Akhetaton e em suas estruturas urbanas.

Já nos romances ditos “históricos” Akhenaton aparece como um rei fraco, controlado pelas mulheres fortes que estão à sua volta, que ditam as atitudes que devem ser tomadas pelo monarca. Esta orientação criou também movimentos contemporâneos, como o *Atons of Minneapolis*⁴, que interpreta informações históricas sobre o rei e seu frequentemente comentado pacifismo de forma a colocá-lo como o primeiro indivíduo gay da história. Parece ser, no entanto, a associação entre um Akhenaton fraco cercado por mulheres fortes que leva a AMORC a ter neste faraó o seu fundador mítico, já que tal pensamento fica claramente evidenciado em obras como *O Romance da Rainha Mística*⁵, que atribui a Tiy a organização do culto secreto que viria a ser posteriormente a AMORC.

O que é importante ressaltar, para finalizar este artigo, é que a família real de Amarna, e em especial Akhenaton e Nefertiti, são personagens recorrentemente apropriados

³ Um bom artigo para entender o direcionamento dos Black Studies quando relacionados à figura de Akhenaton é: ASANTE, M.K.; ISMAIL, S. Akhenaten to Origen: Characteristics of Philosophical Thought in Ancient Africa. *Journal of Black Studies*. 2009;40(2):296-309.

⁴ Para saber mais sobre a relação entre Akhenaton e o grupo intitulado *Atons of Minneapolis*, acesse o sítio eletrônico: <http://www.atons.net/about/history-of-our-name/>

⁵ BRAUN, Raul. **O Romance da Rainha Mística**. Curitiba: Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa (AMORC), 1992.

pela nossa sociedade, seja de forma a associá-los a uma questão específica, como a religiosidade ou a sexualidade, seja por meio da literatura, que recria cenários e acontecimentos nos quais é possível encontrar características que relacionam às obras, nas palavras de Jean-Marcel Humbert, à ciência e à imaginação, e que as inserem no fantástico universo da Egíptomania.

Referências

Obras analisadas para o artigo:

CHRISTIE, Agatha. **Akhenaton**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

MORAN, Michelle. **Nefertiti**. London: Quercus, 2007.

POORTA, Glenys. **Return of the Gods**. Edição da autora, 2013. [e-book]

_____. **The Rising of the Benu-Bird**. Edição da autora, 2002. [e-book]

_____. **The Dream Maker**. Edição da autora, 2002. [e-book]

SANDRONI, Cícero. **O Peixe de Amarna**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEGANFREDO, Carmen & FRANCHINI, A. S. **Akhenaton e Nefertiti: uma História Amarniana**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

Bibliografia consultada:

BAINES, John & MÁLEK, Járomir. **O mundo egípcio: deuses, templos e faraós**. Madrid: Ediciones del Prado, 1996. v. 1.

BAKOS, Margaret. M. (Org.). **Egiptomania**: o Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

BANNISTER, F. A. & PLENDERLEITH, H. J. Physico-Chemical Examination of a Scarab of Tuthmosis IV Bearing the Name of the God Aten. **JEA**. London: The Egyptian Exploration Society, v. 22, n. 1, p. 3-6 e pl. II-III, jun. 1936.

CARDOSO, Ciro. Egiptomania na Literatura. In: BAKOS, M. M. (Org.). **Egiptomania**: o Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004. p. 172-190. (2004b)

_____. **O Faraó Akhenaton e nossos Contemporâneos**. 2004. Texto inédito, cedido pelo autor. (2004a)

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

HARRIS, J.R. (Org.). **O legado do Egito**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

HORNUNG, Erik. **The Secret Lore of Egypt**. Ithaca (NY): Cornell University Press, 2001.

HUMBERT, Jean-Marcel. (Org.). **L'Égyptomanie à l'épreuve de l'Archeologie**. Paris: Musée du Louvre, 1996.

IKRAM, Salima. (Ed.). **Divine Creatures**: Animal Mummies in Ancient Egypt. Cairo: The American University in Cairo Press, 2005.

MONTSERRAT, Dominic. **Akhenaten**: History, fantasy and ancient Egypt. London - New York: Routledge, 2003.

SHORTER, Alan W. Historical Scarabs of Tuthmosis IV and Amenophis III. **JEA**. London: The Egyptian Exploration Society, v. 17, n. 1/2, p. 23-25 e pl. IV, may. 1931.

SILVERMAN, David P. **Ancient Egypt**. New York: Oxford University, 1997.

WEIGALL, Arthur. **The Life and Times of Akhnaton, Pharaoh of Egypt**. London: Thornton Butterworth Limited, 1922 [1910].